

## OPINIÃO

## Como a IA agêntica está redefinindo o mercado de tecnologia corporativa

Alexandro Barsi (\*)

*Durante as últimas duas décadas, o mercado de tecnologia corporativa viveu uma transformação profunda impulsionada pelo modelo SaaS.*

O software deixou de ser um produto físico, instalado localmente e atualizado de forma lenta, para se tornar um serviço contínuo, escalável e acessível via nuvem. Esse movimento redefiniu a digitalização das empresas, acelerou a modernização operacional e criou gigantes globais de tecnologia. O SaaS se consolidou como o principal modelo de consumo de software do mundo corporativo e passou a ocupar posição central nas estratégias de crescimento, produtividade e inovação das organizações.

No entanto, uma nova transformação começa a ganhar força e pode alterar novamente a lógica de consumo de tecnologia nas companhias. O avanço da inteligência artificial agêntica inaugura um cenário em que softwares deixam de ser apenas ferramentas utilizadas por pessoas e passam a atuar como sistemas capazes de executar tarefas, tomar decisões operacionais e conduzir fluxos de trabalho com níveis crescentes de autonomia. Mais do que uma evolução tecnológica, estamos diante de uma mudança estrutural no relacionamento entre empresas, tecnologia e operação.

O debate sobre IA agêntica ganhou espaço entre CEOs e lideranças globais porque seu impacto ultrapassa a discussão tradicional sobre automação. O que está em jogo não é apenas a capacidade de responder perguntas ou gerar conteúdo, mas sim a possibilidade de agentes inteligentes executarem processos completos de maneira contextual, integrada e contínua. Isso muda profundamente a lógica sobre como empresas irão consumir software nos próximos anos.

Historicamente, os sistemas corporativos foram construídos sobre a premissa da interação humana. Um colaborador acessa uma plataforma, navega por menus, consulta informações, realiza análises e executa tarefas. Toda a experiência do SaaS foi desenhada ao redor da interface e da jornada do usuário. Na lógica da IA agêntica, parte relevante dessa dinâmica começa a perder protagonismo. Os agentes passam a interagir diretamente com sistemas, APIs, bancos de dados e plataformas distintas para executar demandas de negócio sem depender constantemente da atuação humana operacional.

Isso significa que as organizações deixam de utilizar softwares apenas como ferramentas de apoio e passam a consumir capacidade operacional inteligente. Um agente pode interpretar um objetivo, buscar informações em diferentes sistemas, validar critérios, executar ações e entregar resultados completos sem que um profissional precise operar cada etapa individualmente. O ganho de produtividade potencial é gigantesco, mas o impacto mais relevante talvez esteja na mudança do próprio modelo econômico da tecnologia corporativa.

Durante anos, o crescimento do SaaS foi sustentado principalmente pelo licenciamento por usuário. Quanto mais colaboradores utilizavam determinado software, maior era a receita das empresas fornecedoras. Com a IA agêntica, esse racional começa a mudar porque o consumo deixa de estar necessariamente associado ao número de acessos humanos. Em vez de dezenas de pessoas operando sistemas diferentes, uma companhia poderá utilizar agentes inteligentes capazes de executar múltiplas tarefas simultaneamente, reduzindo etapas manuais, acelerando fluxos e integrando processos.

Isso cria uma mudança importante na forma como tecnologia passa a gerar valor. O foco deixa de estar exclusivamente na ferramenta e migra para a entrega de resultado operacional. O mercado começa a caminhar para modelos em que o valor estará associado à produtividade gerada, ao nível de automação alcançado, à eficiência operacional ou ao resultado efetivamente entregue para o negócio. Em vez de simplesmente contratar software como serviço, as companhias passam gradualmente

a consumir performance operacional como serviço.

Essa transformação também altera o posicionamento estratégico das empresas de tecnologia. Durante muito tempo, a competição no mercado SaaS esteve concentrada em experiência do usuário, funcionalidades, design de interface e facilidade de uso. No contexto da IA agêntica, a disputa começa a migrar para outro território, integração de dados, interoperabilidade, contexto operacional, qualidade dos modelos de IA e capacidade de orquestração entre diferentes sistemas.

O software deixa de ser necessariamente o ponto central da experiência. Em muitos casos, ele passa a funcionar como infraestrutura invisível para que agentes inteligentes operem em segundo plano. Isso cria uma nova corrida entre fornecedores de tecnologia para controlar ecossistemas, ambientes integrados e fluxos completos de informação. Quanto maior a capacidade de integrar dados e permitir automação contextual, maior tende a ser o valor estratégico dessas plataformas no futuro.

Essa evolução expõe um desafio importante para grande parte das empresas. Muitas organizações ainda operam com ambientes fragmentados, sistemas legados pouco integrados, dados descentralizados e baixa interoperabilidade entre áreas. O problema é que a IA agêntica depende exatamente do oposto. Agentes inteligentes exigem contexto unificado, acesso contínuo a dados confiáveis e integração entre plataformas para funcionar de forma eficiente. Sem isso, a promessa de autonomia operacional perde força.

O avanço da IA agêntica não pode ser tratado apenas como uma pauta de inovação ou transformação digital. Trata-se de uma discussão diretamente relacionada à arquitetura empresarial. Empresas que não revisarem governança de dados, integração tecnológica e estrutura operacional terão dificuldade para capturar o potencial dessa nova geração de inteligência artificial.

Existe ainda uma dimensão estratégica que merece atenção especial dos CEOs. Quanto mais autonomia os agentes recebem, maior se torna a necessidade de governança, supervisão e definição clara de critérios de decisão. A IA agêntica não elimina a importância da liderança humana. Pelo contrário. Ela amplia a necessidade de controle estratégico, validação de processos, segurança da informação e definição ética sobre limites operacionais da automação.

Essa talvez seja uma das principais diferenças entre a atual onda de inteligência artificial e movimentos anteriores de transformação tecnológica. O desafio não está apenas em adotar novas ferramentas, mas em reorganizar a forma como as empresas operam. A tecnologia deixa de ser apenas suporte e passa gradualmente a assumir papel ativo na execução operacional do negócio.

A discussão não será apenas quais softwares contratar, mas sim quais capacidades operacionais inteligentes as empresas desejam construir. A vantagem competitiva passará menos pela posse de ferramentas isoladas e mais pela capacidade de integrar dados, inteligência, automação e governança de forma coordenada.

O SaaS tradicional não desaparecerá de maneira imediata. Ele continuará sendo peça importante da infraestrutura corporativa. Mas a lógica de mercado começa a mudar. Estamos entrando em uma fase em que softwares deixam de ser exclusivamente ambientes de interação humana e passam a se tornar plataformas de execução inteligente. O centro da transformação deixa de ser a interface e passa a ser a autonomia operacional.

A questão mais relevante é entender como o software corporativo precisará evoluir para continuar relevante em um cenário em que agentes inteligentes assumem cada vez mais tarefas, decisões e operações dentro das organizações.

(\*) CEO e fundador da Verity.

## China volta a ter o supercomputador mais rápido

O site Top500.org acompanha o desenvolvimento do mercado de supercomputadores, publicando em junho e novembro um ranking dessas máquinas, classificadas por sua capacidade de cálculo.

Vivaldo José Breternitz (\*)

O ranking recém-publicado mostra a China voltando ao primeiro lugar, posto que não ocupava desde 2017. O LineShine, desenvolvido pelo National Supercomputer Center, alcançou a marca de 2,198 exaflops, superando o então líder, o norte-americano El Capitan (1,809 exaflops), do Lawrence Livermore National Laboratory; um exaflop é uma medida de desempenho usada para supercomputadores e significa a capacidade de realizar um quintilhão (10<sup>18</sup>) de operações por segundo.

O feito é histórico: segundo o Top500.org, o LineShine é o primeiro sistema a ultrapassar dois exaflops usando apenas CPUs, diferentemente dos concorrentes que utilizam GPUs, muito mais caras e sofisticadas.

O professor Jack Dongarra, um dos nomes mais importantes da história da supercomputação e que recebeu em 2021 o Prêmio Turing, considerado o "Nobel da Computação", disse ao *The New York Times* que o LineShine "é um sistema impressionante".

Também é impressionante o fato de que, apesar das restrições impostas ao país, a China ter conseguido chegar ao topo. O ranking agora tem cinco sistemas com capacidade superior a um exaflop: além do líder chinês, três americanos e um alemão.

O Top500 destacou a variedade arquitetural dos sistemas, que utilizam tecnologias



sturti\_CANVA

da Intel, AMD, NVIDIA e soluções híbridas, afirmando não haver um caminho único para a computação desse porte, o que é bom para evitar monopólios.

Fiel à sua cultura, Pequim mantém seus projetos de supercomputação sob sigilo, não tendo sido divulgados mais detalhes sobre a máquina.

Os supercomputadores mais rápidos instalados no Brasil são o Pégaso, da Petrobrás e o Santos Dumont, operado pelo Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC). Espera-se que, ainda

esse ano, entre em funcionamento uma máquina mais poderosa, prevista pelo Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (PBIa) e como as anteriores, construída com tecnologia predominantemente americana.

Esses supercomputadores sequer aparecem no ranking Top500; isso não os desmerece, pois podem contribuir muito para o desenvolvimento científico e tecnológico de nosso país.

(\*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das coisas – vjntz@gmail.com.

## Agentes de IA: Inteligência artificial avança além dos chatbots e transforma rotinas corporativas

Tecnologia passa a executar atividades complexas, reduzindo tempo gasto com processos internos e aumentando a produtividade das equipes.

Muito além dos chatbots que respondem clientes de forma automática, uma nova geração de inteligência artificial começa a transformar processos internos das empresas. São os chamados agentes de IA, sistemas capazes de executar tarefas complexas, tomar decisões com base em regras pré-estabelecidas e auxiliar profissionais em atividades que antes consumiam horas de trabalho manual.

Na prática, enquanto um chatbot tradicional responde perguntas e segue fluxos pré-definidos, um agente de IA consegue analisar informações, identificar padrões, gerar recomendações e até executar etapas de um processo de forma autônoma, sempre sob supervisão humana.

A tecnologia vem ganhando espaço em empresas de diferentes portes e segmentos. Grandes organizações já utilizam agentes de IA para automatizar atividades administrativas, análises de dados, geração de documentos e apoio à tomada de decisão. O movimento indica uma mudança importante na forma como as empresas utilizam a inteligência artificial: menos foco apenas no atendimento e mais foco na produtividade operacional.



Na prática

Esse cenário também tem chegado a empresas especializadas em nichos específicos. É o caso da Kinebot, startup brasileira que desenvolve soluções de ergonomia baseadas em inteligência artificial e que recentemente incorporou agentes de IA em sua plataforma de análise ergonômica.

Segundo Cauê Marinho, CEO da plataforma, a tecnologia foi desenvolvida para apoiar o trabalho dos ergonomistas, reduzindo o tempo gasto em etapas burocráticas e per-

mitindo que os profissionais concentrem esforços na análise técnica.

"Nosso objetivo não é substituir o ergonomista, mas eliminar tarefas repetitivas e acelerar etapas que exigem grande volume de documentação. O profissional continua responsável pela validação final das informações e pela tomada de decisão", explica.

Entre as aplicações implementadas pela empresa está a realização de uma pré-avaliação ergonômica automatizada. A partir da coleta de dados e da identificação de possíveis riscos ergonômicos, o agente de IA organiza informações, aponta situações que merecem atenção e entrega ao especialista uma base inicial para análise.

Outro avanço está na elaboração dos planos de ação. Quando um risco ergonômico é identificado, a plataforma gera automaticamente diferentes alternativas de intervenção com base em uma ampla base de conhecimento construída pela empresa. Em vez de sugestões genéricas, o sistema apresenta recomendações detalhadas e contextualizadas para cada situação.

"O agente de IA foi treinado para entender os cenários analisados e propor soluções alinhadas às necessidades identificadas. É a combinação perfeita entre conhecimento humano e inteligência artificial, que aumenta na eficiência de processos", finaliza Marinho.

## News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

## Startup de IA Conversacional Humanizada com autenticação biométrica por voz chega ao Brasil

@A AENVO, startup europeia de IA conversacional humanizada, chega ao Brasil com o propósito de tornar o atendimento ao cliente mais acessível e intuitivo por meio da fala, proporcionando jornadas mais fluidas e sem fricção para usuários e empresas. Fundada por Douglas Costa e Fabiano Cruz, a startup tem entre seus diferenciais competitivos a oferta de autenticação biométrica em mais de 70 biomarcadores capazes de reconhecer quem está falando e quebrando uma barreira linguística que ainda é muito grande (<https://www.aenvo.ai/pt-br/>).

## Solução Supermicro MicroCloud para ambientes de alta densidade computacional

@A Positivo Tecnologia, por meio da Positivo Servers & Solutions, anuncia a comercialização no Brasil do servidor Supermicro AS-3015MR-H8TNR MicroCloud, solução de alta densidade desenvolvida para atender ambientes de computação em nuvem, aplicações distribuídas e cargas intensivas de processamento. A empresa é concessionária exclusiva da Supermicro no Brasil, o que garante oferta local, suporte especializado e integração com infraestrutura de padrão global (<https://www.positivosever.com.br/>).

Empresas & Negócios  
José Hamilton Mancuso (1936/2017)  
Responsável: Lilian Mancuso

Editorias  
Economia: Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br)  
Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/  
Espaço empresarial: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br);  
Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br)  
Comercial: comercial@netjen.com.br  
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.  
Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil,  
Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores,  
que não recebem remuneração direta do jornal.

José Leonil Lobato (1939-2026)

Jornal Empresas &amp; Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo,  
468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080  
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)  
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90  
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)  
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro,  
Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes

ISSN 2595-8410